

Compreensão de metáforas
no contexto da legendação:
reflexos do letramento

Arlene Koglin

1. Introdução

A obra cinematográfica, objeto de entretenimento amplamente difundido, é antes de tudo produto da cultura em que é produzida. Sua divulgação e propagação para contextos que não o seu de origem ocorre por meio de basicamente duas modalidades tradutórias: a legendação e a dublagem.

No contexto brasileiro, observa-se a crescente demanda por obras dubladas em vez de legendadas tanto na TV fechada quanto no cinema. Em pesquisa encomendada pelo Sindicato dos Distribuidores do Rio de Janeiro ao instituto Datafolha, ouviram-se 2.120 pessoas em dez cidades brasileiras acerca do tipo de tradução preferido - legendação ou dublagem. Constatou-se que o telespectador brasileiro prefere assistir obras dubladas (56% dos frequentadores) a legendadas (37% dos frequentadores).

Nessa mesma direção, foram publicados dados no jornal Folha de São Paulo (edição de 05 de agosto de 2007). Na reportagem, o Diretor de vendas da Sony/Disney afirmou que, em 2003, quando o filme *Piratas do Caribe* foi exibido no Brasil, só havia cópias legendadas. O número de espectadores nos cinemas foi de 1,8 milhão. Já a sequência do filme, exibida em 2006, teve 346 cópias legendadas e 133 cópias dubladas o que aumentou o número de ingressos vendidos para R\$ 3,1 milhões.

No âmbito da TV fechada, o quadro parece ser semelhante. Basta observar o número crescente de adição de filmes dublados em canais que anteriormente caracterizavam-se por exibir apenas obras legendadas. Outra evidência é o lançamento, em outubro de 2004, do canal Telecine Pipoca cuja programação é constituída de filmes dublados 24 horas por dia. O canal substituiu o antigo Telecine Happy que costumava exibir apenas algumas sessões dubladas, as quais demonstraram boa receptividade entre os espectadores.

A nossa hipótese é de que o quadro anteriormente descrito pode estar diretamente relacionado aos baixos níveis de proficiência em leitura dos telespectadores brasileiros. Cajaiba (2000), ao mencionar a dublagem como recurso amplamente utilizado pelas distribuidoras brasileiras, manifesta sua discordância com aqueles que justificam o predomínio da dublagem devido ao grande número de analfabetos existentes no país. O autor defende que este é um argumento insuficiente, pois em países desenvolvidos com índices zero de analfabetismo os filmes são dublados desde sua veiculação no cinema.

Embora ainda não se encontrem dados conclusivos na literatura sobre as verdadeiras razões pela preferência à dublagem, a opinião de Cajaiba parece um tanto precipitada, pois seu discurso revela uma visão simplista acerca de alfabetização. O autor parece ignorar o fato de que ser alfabetizado, conhecer o alfabeto, não é suficiente para acompanhamento

e compreensão de uma obra legendada, em que o espectador necessita processar, concomitantemente às legendas, estímulos de natureza visual, sonora, e verbal inerentes à obra. Em outras palavras, a leitura eficaz das legendas ultrapassa o processo perceptual e associativo de mera decodificação de grafemas.

Diante desse quadro, pretende-se pontuar, neste ensaio, alguns dos aspectos concernentes à provável relação entre os níveis de proficiência leitora do telespectador brasileiro e a crescente demanda pela dublagem em detrimento da legendação, com foco especial no processamento da linguagem metafórica.

Optou-se por enfatizar a linguagem metafórica por compartilharmos a posição de Souza (2008), segundo a qual a metáfora pode interferir no processo de compreensão textual, isto é, ela pode funcionar tanto como um elemento facilitador quanto como um obstáculo à construção de sentido. Segundo a autora, isso depende fundamentalmente das bases trazidas pelo leitor, bem como de suas características cognitivas, psicológicas e sociais mais amplas.

2. Legendação e competência leitora

As obras legendadas, ao contrário das dubladas, mantêm o texto oral veiculado na língua fonte e trazem sua tradução – texto escrito – na parte inferior da tela, exigindo do leitor-espectador o processamento de um estímulo adicional para a construção do sentido e compreensão da trama fílmica.

A atividade de compreensão das legendas associadas as demais linguagens inerentes à obra cinematográfica exige um esforço significativo do leitor/espectador, pois há vários estímulos simultâneos competindo para a construção de sentido em um tempo pré-determinado que varia de 2 a 4 segundos. Pode-se deduzir, então, que obras legendadas requerem uma capacidade leitora bastante especializada e desenvolvida.

No que concerne aos aspectos cognitivos da leitura, Gabriel (data indisponível) explica que em um leitor principiante, o esforço demandado para decodificar os grafemas em fonemas pode obstruir a formação de uma representação mental coerente para o texto. Isso acontece porque toda a atenção do leitor está voltada para a tarefa de transformar letras em sons.

Por outro lado, a familiaridade com o código escrito não assegura a compreensão. Compreender envolve diferentes capacidades como a ativação dos conhecimentos de mundo, a produção de inferências locais e globais, a comparação de informações (ROJO, 2004), dentre outras para que se crie uma representação mental coerente do texto.

Acresce-se a isso o fato de que

os textos contendo metáforas demonstram que os leitores precisam estar conscientes da necessidade de inferenciar durante a leitura. Este é um problema tanto para o que decodifica automaticamente, que toma tudo no sentido literal, como para o adivinhador que faz inferências, mas não as restringe pelas pistas fornecidas pelo texto (GRIMM-CABRAL, 2008, p. 68).

Além da questão do esforço de compreensão, também há que se apontar a diferença no tempo necessário envolvido no processo de leitura de um leitor proficiente e de um principiante. Este consome muito mais tempo que aquele para construir o sentido de um texto escrito. Tal aspecto é de fundamental importância pelo fato de as legendas não permanecerem mais do que aproximadamente 2 a 4 segundos na tela.

Diante da limitação de tempo e da impossibilidade de retroceder as legendas (no caso do cinema e da TV fechada), o telespectador sem uma competência leitora proficiente pode ter seu processo de construção do sentido prejudicado e, conseqüentemente, preferirá obras dubladas. Os seguintes posicionamentos¹ de consumidores da TV fechada ilustram a situação anteriormente descrita.

Adoro as séries, mas gostaria de ter a opção de assisti-la dublada, para não perder nada (espectador 1).

É muito chato ter que ler as legendas enquanto os personagens falam. Acabo perdendo de ver algumas cenas que, muitas vezes, são essenciais para o entendimento do filme (espectador 2).

A questão da competência leitora parece ser uma razão sustentável para explicar a crescente demanda por obras estrangeiras dubladas no cenário brasileiro, visto que “[...] a maior parcela de nossa população, embora hoje possa estudar, não chega a ler. A escolarização, no caso da sociedade brasileira, não leva à formação de leitores e produtores de textos proficientes e eficazes [...]” (ROJO, 2004, p.1).

A lacuna na formação de leitores proficientes pode refletir-se na compreensão da obra fílmica, sobretudo quando o espectador depara-se com enunciados metafóricos, cuja compreensão depende do processamento de fatores linguísticos e extralinguísticos.

Ademais, o fato de a metáfora caracterizar-se pela indeterminação semântica, isto é, uma mesma metáfora pode carregar sentidos diferentes, é possível que o espectador tenha que realizar a reconstrução de um sentido mais familiar para um menos familiar em função do contexto ou de criações dos roteiristas.

1- Opiniões coletadas em fórum sobre preferências de programas dublados ou legendados e disponíveis no *site* do canal pago *Universal Channel*.

3. Concepção e processamento das metáforas

Até hoje ainda existem estudiosos dos diferentes campos da linguagem que concebem a metáfora como um ornamento retórico típico de produções poéticas. No entanto, estudos mais recentes têm apontado para direções distintas. Tais pesquisas evidenciam que a metáfora extrapola os limites linguísticos e está ligada a aspectos socioculturais.

Na perspectiva contemporânea, a metáfora adquire uma concepção cognitivista, pois os pesquisadores defensores desta posição argumentam que não só nos expressamos por meio de metáforas como nossa forma de pensar e de conceitualizar o mundo é estruturada por bases metafóricas (LAKOFF & JOHNSON, 2002; GIBBS, 1994).

Em relação ao seu processamento, as pesquisas também seguem por caminhos distintos, às vezes até opostos. Há aquelas que defendem que o processamento da linguagem literal é anterior ao processamento da metafórica. Já outras argumentam que a metáfora é processada independentemente do sentido literal (GIBBS, 1994; GLUCKSBERG, 1998). É importante informar que os defensores dessa perspectiva não excluem a possibilidade de o processamento de metáforas novas ser mais demorado que o processamento da linguagem literal. Glucksberg (1998) aponta que esta é ainda uma questão controversa que requer pesquisas futuras.

Em meio a esses dois extremos, tem-se a abordagem de Giora (1997) que defende a hipótese da saliência graduada. A pesquisadora afirma que os sentidos das palavras possuem diferentes graus de saliência – maior ou menor acessibilidade em nosso léxico mental –, os quais seriam determinados pelos seguintes fatores: frequência, familiaridade, convencionalidade ou prototipicalidade. Essa teoria prevê que quanto mais saliente a informação, mais difícil será suprimir o seu acesso. Embora o contexto possa interferir na compreensão de um enunciado, ele não inibirá os sentidos mais salientes, mesmo que sejam incompatíveis com a informação contextual.

No que diz respeito ao processamento de metáforas novas e de metáforas convencionais, esta abordagem postula que estas têm tanto o sentido literal quanto o metafórico ativados simultaneamente, pois ambos são salientes; enquanto que aquelas, cujo sentido metafórico é menos saliente, desencadeiam um processo sequencial no qual o sentido mais saliente (literal) é ativado primeiro. Em outras palavras, metáforas cristalizadas e/ou expressões idiomáticas seriam processadas diretamente ao passo que metáforas novas teriam o sentido literal processado primeiro.

Outro aspecto interessante desta abordagem para a discussão aqui desenvolvida sobre a possível relação entre a competência leitora e a recusa por obras legendadas diz respeito ao tempo de processamento de metá-

foras familiares (convencionais) e menos familiares (novas). Em experimentos realizados com os dois tipos de metáforas, Giora (1999) constatou que o tempo gasto para interpretar metáforas novas foi significativamente maior que para as convencionais.

A partir dessa constatação, podemos assumir que o espectador com uma baixa competência em leitura terá dificuldades para processar todos os estímulos inerentes ao contexto fílmico, especialmente se estes forem mesclados com usos metafóricos menos familiares. É provável que o tempo de duração das legendas na tela não será suficiente para compreender o enunciado metafórico menos familiar que, conforme apontado na literatura, demanda maior tempo de processamento.

Diante deste quadro, surge outra questão: de que forma as escolhas tradutórias podem afetar o processamento dos estímulos metafóricos recebidos pelo espectador. A título de ilustração e reflexão sobre os eixos tradução – competência leitora – processamento da linguagem, discutem-se, na sequência, duas expressões metafóricas oriundas de uma obra fílmica norte-americana que foi traduzida no Brasil.

4. Tradução, competência leitora e processamento da linguagem: análise de caso de uso metafórico

As expressões metafóricas trazidas para discussão nesta seção são provenientes do filme intitulado *The bucket list* (2007) e traduzido no Brasil por *Antes de Partir*. A trama baseia-se nas aventuras de dois personagens centrais – o mecânico Carter e o milionário executivo Edward. Os dois se conhecem em um quarto de hospital quando são diagnosticados com câncer em estágio terminal. No decorrer da trama, Carter e Edward deixam o hospital e decidem que, antes de morrer, irão buscar seus sonhos ainda não realizados.

A discussão ancora-se em duas expressões *kick the bucket* e *the bucket list*, e suas respectivas traduções “morrer” e “antes de partir/lista da bota”, disponibilizadas em exibição do filme no canal pago *Universal Channel*. *The bucket list*, além de nomear o filme, é utilizada no decorrer da trama. Já *Kick the bucket* aparece apenas na trama.

No que diz respeito à familiaridade das expressões, *kick the bucket* é bastante frequente e está, inclusive, dicionarizada. Já *the bucket list* parece ser uma expressão metafórica nova, pois em buscas realizadas em dicionários e na Internet, a expressão foi encontrada somente na Internet e apenas em contextos referentes ao filme. Isso nos leva a supor que ela pode ter sido criada pelos roteiristas da obra fílmica.

Assumindo que a expressão *the bucket list* tenha surgido no filme, sua compreensão no texto fonte aparenta ser acessível, pois o espectador da cultura fonte possivelmente evocará traços de memória relacionados à metáfora cristalizada *kick the bucket* e, juntamente com o contexto, chegará ao sentido pretendido.

Na cultura alvo, por outro lado, a compreensão pode ser obstruída devido às opções de tradução. As escolhas tradutórias antes de partir, morrer e lista da bota não apresentam traços linguísticos explícitos que permitam associá-los. Parece que a tradução “lista da bota” foi realizada pensando em uma possível associação com a expressão cristalizada “bater as botas” (equivalente a *kick the bucket*) em português. Todavia, esse resgate de sentido fica difícil porque *kick the bucket* foi parafraseada por morrer. Por essa razão “a lista da bota” pode não evocar traços de memória relevantes no espectador ou exigir um dispêndio de tempo na busca de um sentido contextualmente relevante.

Em relação ao tempo de processamento, a opção tradutória “lista da bota” demandaria maior tempo com base nas evidências dos experimentos realizados por Giora (1999) em que o tempo gasto para interpretar metáforas novas foi significativamente maior que para as convencionais. E o tempo no contexto da legendação é bastante restrito.

Pensando na compreensão da metáfora, a construção de seu sentido “parece acontecer via interação entre a expressão linguística do autor e a compreensão do leitor, a partir do possível compartilhamento de informações, conhecimentos e intenções” (SOUZA, 2008, p.78). E para que o leitor/espectador compreenda a obra em seu todo, é necessário que sua competência leitora seja eficiente de modo que seu esforço de processamento não seja focado somente na decodificação, mas na construção de sentido pautada em diferentes capacidades como a ativação dos conhecimentos de mundo, a produção de inferências locais e globais, a comparação de informações, dentre outras.

O papel da tradução, por sua vez, seria a de tentar fornecer opções tradutórias que exigissem o menor esforço de processamento possível. Esse cuidado teria que ser tomado especialmente quando há metáforas novas. Em relação ao caso analisado, parece-nos que a compreensão das metáforas seria facilitada se o tradutor tivesse optado por manter “morrer” para *Kick the bucket* e parafrasear a “lista da bota” por “lista de desejos” ou então manter os dois enunciados metafóricos: “bater as botas” para *kick the bucket* e “lista da bota” para *the bucket list* a fim de que a associação entre ambas ficasse mais explícita.

Diante de tal colocação, salientamos que o propósito não é criticar a decisão de tradução, e sim descrevê-la de forma reflexiva, pois a modalidade tradutória em que ela foi tomada exige uma reflexão sobre o posiciona-

mento teórico e as tomadas de decisão enquanto tradutores, visto que a compreensão do enunciado pelo telespectador é dispendioso devido à necessidade de processamento simultâneo de estímulos de natureza diversa. Acresce-se a isso o tempo pré-determinado de duração do texto (legenda) na tela e a impossibilidade de retornar a sua leitura no caso da obra cinematográfica exibida na TV fechada e no cinema.

5. Considerações finais

Esta investigação se propôs a discutir o papel da competência leitora do espectador brasileiro para a compreensão de obras cinematográficas legendadas, com foco especial dado a linguagem metafórica. Argumentou-se, também, que a competência leitora insatisfatória do espectador pode estar diretamente associada à preferência por obras dubladas no contexto brasileiro.

Defendemos que a habilidade leitora satisfatória configura-se na utilização de capacidades linguísticas, cognitivas e sociais assim como o resgate de conhecimentos enciclopédicos. Conforme salienta Rojo (2004, p.3),

a leitura é vista como um ato de se colocar em relação a um discurso (texto) com outros discursos anteriores a ele, emaranhados nele e posteriores a ele, como possibilidades infinitas de réplica, gerando novos discursos/textos.

No caso da obra cinematográfica legendada, a compreensão das variadas informações simultâneas envolve um emaranhado de competências, sobretudo a leitora. Embora se tenha realizado um número razoável de pesquisas sobre o processamento da linguagem metafórica, nota-se que há uma carência de estudos empíricos com objetos em que ela interage com estímulos de natureza múltipla.

Finalizamos salientando a necessidade de pesquisas futuras que investiguem a competência e a velocidade de leitura do leitor-espectador brasileiro, pois se acredita que a capacidade leitora bem como as características sociais e cognitivas de cada indivíduo inserido em um contexto cultural específico são essenciais para compreender o fenômeno de processamento da linguagem, seja literal ou metafórica. O acesso a esses dados poderia, inclusive, trazer novas direções em relação às escolhas tradutórias dos legendadores, que são os principais responsáveis pela divulgação e propagação de obras cinematográficas.

Referências

- BLACK, M. More about metaphor. In: ORTONY, A. (org). *Metaphor and Thought*. Cambridge University Press: Cambridge, U.K, 1993.
- CAJAIBA, L.C. Cinema e dublagem na TV. In: BIÃO; A. LÉMOS, A. (org): *Temas em contemporaneidade, imaginário e teatralidade*. Annablume, 2000. Disponível em <<http://books.google.com/books?hl=pt-BR&lr=&id=qOHetOm6FrIC&oi=fnd&pg=PA145&dq=dublagem+ou+legendagem&ots=g4ypZo9eLO&sig=KIEy0ylHMFgZojWRUZwGYXaozqY#PPA147,M1>> Acesso em: jun. 2009.
- GABRIEL, R. A compreensão em leitura enquanto processo cognitivo. *Anais II colóquio de leitura e cognição*. Disponível em <http://www.unisc.br/cursos/pos_graduacao/mestrado/letras/anais_2coloquio/compreensao_leitura_enquanto_processo_cognitivo.pdf> Acesso em: maio 2009.
- GIBBS, R.W. *The poetics of mind: figurative thought language and understanding*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994. p. 120 – 127.
- GIORA, R. Understanding figurative and literal language: the graded salience hypothesis. *Cognitive Linguistics*, v.7, p.183-206, 1997.
- _____. Literal vs. Figurative language: different or equal? *Journal of Pragmatics*, v.34, p.487-506, 2002.
- _____. *On our mind: salience, context, and figurative language*. Oxford: Oxford University Press, 2003.
- GIORA, R.; FEIN, O. On understanding familiar and less-familiar figurative language. *Journal of Pragmatics*, v.31, p.1601-1618, 1999.
- GRIMM-CABRAL, L. Metáforas e leitura. In: FORTKAMP, M. B. M.; TOMITICH, L. M. B. (Org.) *Aspectos da linguística aplicada*. Florianópolis: Insular, 2008, p.51-71.
- LAKOFF, G. Contemporary theory of metaphor. In: ORTONY, A. (Org.). *Metaphor and thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993, p.202-251.
- LAKOFF G.; JOHNSON M. *Metáforas da vida cotidiana*. Tradução do Grupo GEIM. Campinas: EDUC, 2002.
- POTSCH J.R.; MOTTA, P.C. *Televisão por assinatura: Medida da utilidade dos atributos que influenciam as escolhas dos consumidores*. Disponível em <<http://www.anpad.org.br/enanpad/1998/dwn/enanpad1998-mkt-03.pdf>>. Acesso em: maio 2009.
- ROJO, R. Letramento e capacidades de leitura para a cidadania. São Paulo: SEE - CENP, 2004. Disponível em <http://suzireis.bravehost.com/posgraduacao/artigos/roxane_rojo.pdf> Acesso em mar. 2009.

-
- SCHÄFFNER, C. Metaphor and translation: some implications of a cognitive approach. *Journal of pragmatics*, v. 36, p. 1253-1269, 2004. Disponível em <www.elsevier.com/locate/pragma>.
- SOUZA, A.C. *Leitura, metáfora e memória de trabalho: três eixos imbricados*. 2004. 321 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- . Tradução e Leitura de Metáforas nas Legendas de Filmes. *Cadernos de Tradução*. Florianópolis, 12 p., 2007, artigo aprovado para publicação.
- . Metáfora e compreensão textual. *Working Papers in Linguística*. Florianópolis, p.73-83, 2008.